

© Edições Cristãs – Editora Ltda.

ESTUDO SOBRE O LIVRO DE AGEU

H. Rossier

1ª edição brasileira: maio de 2019

Tradução: R. J. A.

Capa:

ISBN:

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS – EDITORA LTDA.

Caixa Postal 250

19900-970 – OURINHOS – SP – BRASIL

Endereço eletrônico: edicoescristas@uol.com.br

Site: www.edicoescristas.com.br

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Quadro Histórico

Quadro Profético

PRIMEIRA REVELAÇÃO

Capítulo 1

SEGUNDA REVELAÇÃO

Capítulo 2.1-9

TERCEIRA REVELAÇÃO

Capítulo 2.10-19

QUARTA REVELAÇÃO

Capítulo 2.20-23

AGEU

INTRODUÇÃO

Quadro histórico

As circunstâncias que fizeram necessária a profecia de Ageu nos levam aos últimos acontecimento do Antigo Testamento. Quando a ruína moral chegou ao limite, Deus declarou a este povo: “*Não Meu Povo*” (Oseias 1.9). Muito tempo depois, as dez tribos foram levadas ao cativeiro, como também, mais tarde, Judá e Benjamim.

O inimigo derrubou e destruiu Jerusalém e seu Templo, que já estava privado da glória de Deus. Desde então, aos olhos dos homens, já não havia casa de Deus na terra.

Quando os setenta anos de cativeiro, anunciados pelos profetas (Jeremias 25.11-12; Daniel 9.2), chegaram ao seu fim, Ciro foi levado a fazer a restauração do povo. Ao chamado do rei, no ano 536 A.C., um remanescente de Judá e de Benjamim, num total de 49.697 homens, voltou a Jerusalém, sob a direção de Zorobabel e de Josué (este é chamado de Jesus em Esdras e em Neemias) para reconstruir a casa de Deus (Esdras 1.2-3).

No sétimo mês reedificaram o altar localizado sobre suas bases, oferecendo sacrificios e restabelecendo o grande testemunho público do seu relacionamento com Deus.

“*No segundo ano de sua vinda à casa de Deus, em Jerusalém*” (Esdras 3.8-13) põem os alicerces do templo com uma mistura de tristeza e os inimigos de Judá se ofereceram (Esdras 3.8-13) para participar na obra; os chefes não aceitaram, mas o restante do povo ficou temeroso e a obra foi abandonada.

A interrupção durou dezesseis anos motivada pelo medo e outros dez anos pela ordem do rei Assuero, impedindo-os de

trabalhar. Esta proibição deve ser considerada como o castigo de Deus sobre o remanescente pela sua falta de fé.

No segundo ano rei Dario, foram suscitados os profetas Ageu e Zacarias e sua exortação produziu efeito. A partir daí tudo muda e o povo não receia mais nem por reis, nem por homens, nem pela oposição destes. Inicia-se o trabalho e este grande edifício se completa ao fim de quatro anos.

Durante todo este tempo, prosperam, ,mas não por ordem de Dario, mas por causa da “*profecia de Ageu e de Zacarias*”, do qual emanam as decisões dos soberanos que os governavam.

No ano 515 A.C. (Esdras 6.15), terminam a casa e o povo celebra alegremente a Páscoa e a festa dos Pães Asmos. (Esdras 6.19-22).

É aqui que termina a primeira parte do livro de Esdras, a qual tem relação com a profecia que estamos estudando.

Esta compreende três grandes feitos:

1. A construção do altar;
2. A colocação dos alicerces, após um parêntese de dezesseis anos, seguido pelo despertar do povo;
3. A edificação e o término da obra.

.oOo.

Quadro profético

Esta história de Israel tem muita importância para nós. *“Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado”* (1 Coríntios 10.11). Todos os acontecimentos materiais de Israel têm para nós, cristãos, uma aplicação espiritual.

Não é evidente no caso da Igreja? Ela é, como Israel, uma instituição divina e está estabelecida na terra sob a Sua responsabilidade e, como Israel, tem falhado e tem caído na

completa ruína quando o homem estabeleceu elementos corrompidos e corruptores.

Onde está Israel hoje em dia? Onde encontrar agora a Igreja de Deus? Sem dúvida, aos olhos de Deus, continua existindo em sua unidade e a fé assim a vê.

Sem dúvida, Aquele que é o Arquiteto, como também é o Noivo, a apresentará a Si gloriosa, mas deixada à sua responsabilidade e é, aos olhos do mundo, nada mais que um miserável montão de ruínas.

Neste artigo falamos só da Igreja como Casa de Deus, cuja edificação está confiada à responsabilidade do homem.

Tendo-se consumado a ruína, em nossos dias Deus chama da mesma maneira como o fez nos dias de Esdras, a um fração remanescente para reconstruir Sua Casa.

Para um judeu, a Casa de Deus era o templo material, onde Ele fazia habitar o Seu Nome.

Para um cristão, é um templo espiritual composto de pedras vivas destinado a ser *“habitação de Deus no Espírito”* (Efésios 2.22). Observemos que, para o remanescente de Israel, não se tratava que este reconstruísse uma segunda casa; e nem para a Igreja não se trata de edificar uma nova Igreja. Muitos têm errado e têm intentado, na ignorância do pensamento de Deus e com o poder da carne, reconstruir uma nova casa.

Ouve-se eles falando de “sua Igreja”, como se eles tivessem reedificado alguma coisa segundo Deus.

Seu trabalho é tão somente uma nova ruína acrescentada às antigas.

O Espírito Santo nos livre desta tal loucura. Aos olhos de Deus, a Igreja, como também o templo de Israel, é uma e permanente única e não haverá outra.

Eis porque, em relação ao templo, encontramos expressões como estas: *“Começaram a edificar a Casa de Deus”* (Esdras 5.2). Embora destruída, permaneceu sempre ali. *“Reedificamos a Casa que há muitos anos fora construída”* (Esdras 5.11). A Casa reedificada é a mesma que a Casa destruída e Ageu, falando de um tempo futuro, diz *“A glória*

desta última Casa será maior do que a da primeira” (Ageu 2.7-9).

O profeta diz pois se a glória é diferente, a Casa é sempre a mesma, perante os olhos de Deus e da fé.

Realmente, houve no passado vários templos: o templo de Salomão, o de Zorobabel e o de Herodes. E haverá, no futuro, o templo do Anticristo e, no final, o templo milenar de Ezequiel. Mas para Deus não são cinco, mas um só. Para nós, reconstruir a Casa de Deus, não é construir uma nova Casa, mas é reconstruir a antiga no tempo da ruína, tal como Ele a tinha estabelecido no princípio.

Tanto hoje, como antigamente, é o trabalho de todos os que têm despertado para restaurar a verdade da Igreja no meio da corrupção atual. Estes devem dar um testemunho prático do que deve ser. Tal restauração não se pode conseguir se não for acompanhada de um profundo sentimento de tristeza e de humilhação.

Para dois ou três de Israel que reconstruíssem a Casa, o gozo de ver os alicerces novamente assentados estava misturado com choros amargos que acompanhavam a pobreza atual deste trabalho com a glória, a riqueza e a plenitude da primeira instituição (Esdras 3.11-13).

Os que ignoram o que é a Igreja, imaginam que esta obra de restauração ocorreu quando a Reforma, e que, o que se chama de igreja protestante, tem sido apenas a manifestação. Não há nada mais falso do que esta opinião. O que caracteriza a Reforma é a Palavra de Deus rompendo os laços mediante os quais Satanás tinha tentado encadeá-la.

Esta Palavra trouxe à luz as grandes verdades da salvação individual, enquanto que, estabelecendo uma multidão de igrejas, a Reforma ignorava, ou melhor, negava a verdade da Igreja do Deus vivo.

O primeiro testemunho do remanescente de Israel, foi, como o temos visto no livro de Esdras, a reunião ao redor do altar reedificado. Em nossos dias, também tem sido assim. É a mesa do Senhor que tem recebido algumas testemunhas que Deus tem suscitado para “reconstruir” Sua Casa. Reunir

os cristãos ao redor da Ceia do Senhor não é nada na aparência, mas na realidade é tudo. Ao redor da mesa do Senhor, Seus redimidos proclamam que possuem um relacionamento vivo com Deus, baseado na redenção. Esta mesa reúne a todos os que têm parte na salvação e seu caráter exclui o mundo de uma forma absoluta e os separa para constituí-los em uma unidade da qual a mesa do Senhor é um símbolo (1 Coríntios 10.16-17).

A restauração do altar não está para ser feita, pois aconteceu quando duzentos anos atrás, aproximadamente, alguns crentes despertaram em sua consciência e em seu afeto para o Senhor e esquadriharam as Escrituras para voltar a encontrar muitas verdades relativas ao lugar, forma e maneira de congregar-se tão somente em o Nome do Senhor (Mateus 18.20).

A mesa do Senhor está levantada e ninguém tem a missão de levantar outra. Nesta, um pequeno remanescente de crentes proclama a unidade do Corpo de Cristo. Que importa seu número, se o altar está reedificado?

A mesa do Senhor não está em todas as seitas da cristandade, como muitos pretendem, embora conservem o memorial da morte de Cristo, mas ignoram completamente que o caráter deste mesmo memorial é o de separar os filhos de Deus do mundo e de ser um sinal visível da unidade do Corpo de Cristo.

Perante o inimigo, a segurança do pobre remanescente era que *“firmaram o altar sobre suas bases e ainda estavam sob o terror dos povos de outras terras”* (Esdras 3.3). A união dos filhos de Deus ao redor do sinal visível da unidade da Igreja não interessa a Satanás, pois seu poder sobre eles reduz-se a nada, enquanto mantenham esta unidade. Por esta razão, o Inimigo quer destruí-la dispersando o rebanho (e ele tem conseguido isto em diversas ocasiões).

Os resultados da reunião dos crentes ao redor da mesa do Senhor não são demorados a aparecer. Novas luzes devem acompanhar necessariamente a obediência à Palavra de Deus

e as almas voltam ao ensino apostólico e a Cristo, único fundamento sobre o qual a Assembleia deve ser construída.

Tem sido reconhecido Cristo como o único centro de nossa reunião, cabe agora agregar pedras vivas ao edifício e as dificuldades não tardarão em surgir.

O que aconteceu ao pobre remanescente foi uma provação. *“Deixai-nos edificar convosco”* (Esdras 3.2), dizem os inimigos de Judá e de Benjamim. Se o remanescente tivesse consentido, teria sido declarada a negação da unidade do povo de Deus que acabava de surgir novamente à luz, por meio do altar e dos alicerces do templo.

A bênção que os fiéis têm encontrado em sua unidade como povo de Deus lhes faz rejeitar com indignação toda ação comum com o mundo. *“Nada tendes conosco na edificação da Casa de nosso Deus, nós mesmos, sozinhos, a edificaremos ao Senhor”* (Esdras 4.3).

O ardil do inimigo fracassa, mas ele não abandona seu intento; agora age criando medo e fazendo oposição e depois as perseguições contra os fiéis. Toda classe de razões ajudam e as mãos do povo ficaram descuidadas. Israel acaba desinteressando-se com a construção e abandona a obra começada. Quantas deserções temos visto em nossos dias!

É neste momento que Ageu intervém para mostrar ao remanescente as causas que, depois da manifestação dos princípios de poder e de alegria, tinham posto travas à obra que Deus lhes tinha confiado.

Deus permita que encontremos nesta profecia de Ageu as exortações e o ânimo de que tanto precisamos atualmente!

.oOo.

PRIMEIRA REVELAÇÃO

CAPÍTULO 1

Eis aqui as desculpas do povo no momento em que Ageu foi enviado: *“Não veio ainda o tempo, o tempo em que a Casa*

do Senhor deve ser edificada” (v. 2). Que benefício podemos obter deste trabalho? Quantas vezes encontramos estas mesmas palavras entre os cristãos, inclusive entre os que, tendo posto mão à obra, estimam supérfluos seus esforços!

Isto tem um nome: Desânimo, cuja causa é o medo e a nossa incapacidade de resistir aos obstáculos que o inimigo põe. Será que este desânimo não é um ultraje ao poder e à fidelidade de nosso Deus.

E o profeta vai mostrar-nos que este desânimo era na realidade, um pretexto. Por trás dele escondia-se um princípio que o remanescente apenas suspeitava e que não reconhecia sua gravidade: era o egoísmo e o mundanismo.

“Acaso, é tempo de habitardes vós em casas apaineladas, enquanto esta casa permanece em ruínas?” (v. 4).

O povo de Deus apreciava mais seus próprios assuntos do que os de Deus. Entregava-se ao comodismo, deixava-se tomar pelo luxo engalanando suas casas. Os interesses do templo eram colocados em último lugar. Mal tinham construído suas casas e só pensavam em ter um lugar de descanso para si e para os seus.

Tínhamos começado a seguir Àquele que não tinha nem um lugar onde repousar Sua cabeça e agora O tratamos como um estrangeiro entre nós e apenas Lhe damos um lugar entre os que já salvou e diz quais tem feito Sua Casa.

Certamente, o zelo de Sua casa não nos tem consumido como a Ele. Amamos as comodidades de nossas casas luxuosas, rebaixando assim nossa cidadania celestial ao nível *“dos que habitam sobre a terra”*.

Fixemos os olhos nestas palavras: *“Considerai o vosso passado”* (v. 5). Elas aparecem cinco vezes nesta curta profecia. Paremos para meditar em nosso passado e consideremos sua consequência. Ela é a disciplina do Senhor exercida sobre nós e a causa de nosso mundanismo e egoísmo: *“Tendes semeado muito e recolhido pouco; comeis, mas não chega para fartar-vos; bebeis, mas não dá para saciar-vos; vestis-vos, mas ninguém se aquece; e o que recebe salário, recebe-o para pô-lo num saquítel furado”* (v. 6).

Lembremos das palavras, das pregações, das verdades largamente difundidas, quando Deus nos deu a graça de nos reunirmos ao redor da mesa do Senhor. Como se multiplicava a semente em nossas mãos naquele tempo! O tempo da sega já chegou e onde estão os obreiros encurvados sob o peso da colheita? *“Tendes... recolhido pouco”!* Era por culpa da semente? Não, os que falhamos fomos nós.

Mas a disciplina de Deus não age somente sobre nossa obra, mas atinge-nos pessoalmente: *“Bebeis, mas não dá para saciar-vos”*. Pode ser que ao nos ocuparmos muito com a Palavra de Deus, tantas dificuldades elucidadas, dificuldades resolvidas, doutrinas estabelecidas e aprendidas sejam conhecidas. Há nisso tudo algo que traga refrigério à nossa alma? Não, o coração permanece seco e continuamos bebendo sem saciar nossa sede. E ainda mais, tendo com que nos vestir, *“ninguém se aquece”*. E o fruto de nosso trabalho, reservado para nós mesmos, escapa através do saco sem ficar nada.

“Assim diz o Senhor dos Exércitos: Considerai o vosso passado. Subi ao monte, trazei madeira e edificai a Casa; dela Me agradarei e serei glorificado, diz o Senhor. Esperastes o muito, e eis que veio a ser pouco, e esse pouco, quando o trouxestes para casa, Eu com um assopro o dissipei. Por quê?, diz o Senhor dos Exércitos; por causa da Minha Casa, que permanece em ruínas, ao passo que cada um de vós corre por causa da sua própria casa” (vs. 7-9).

Sim, consideremos mais uma vez nossos caminhos. O trabalho segundo Deus é acrescentar materiais vivos à Sua Casa. Mas este não era o trabalho que o remanescente realizava. Ele tinha buscado conseguir duas coisas irreconciliáveis: a obra da Casa de Deus e a satisfação de seus próprios interesses.

“Cada um de vós corre por cauda de sua própria casa”. Estes dois objetivos não podiam unir-se. Em tal associação, é sempre o lado de Deus que sofre. Eles tinham trazido *“pouco”*. E Ele, que não quer corações divididos, *“com um assopro o dissipou”*. Seu trabalho tinha sido reduzido a nada.

Este era o juízo de Deus sobre a sua atividade. Já não lhes fornecia mais materiais para construir desde o momento em que construíam para si mesmos.

Não é de admirar que o mundo, tão empenhado em pôr obstáculos a seu trabalho para Deus não tenha feito a menor oposição quando cuidava cada um de sua própria casa? Satanás é o inimigo que age com fúria e perspicácia. Ele sabe que a obra não pode prosperar se os corações estão divididos.

Mas eis que, pela graça de Deus, os dirigentes escutam, o povo recebe e acata a mensagem enviada por Deus. O grito: *“Considerai o vosso passado”* achou eco na consciência de Israel. Que possa também encontrá-lo na nossa!

E o resultado deste despertar não demorou muito. O próprio Deus anima em seus primeiros passos aos que decidem seguir o caminho, o caminho da obediência. *“Eu sou convosco, diz o Senhor”* (v. 13). Os temores de muitos desvaneceram-se e a alma conscientiza-se de que a integridade é apreciada pelo Senhor e que O compraz. O povo recebe o testemunho de ter agradado a Deus.

Como recompensa ao zelo de alguns se produz um despertar geral. Eles *“vieram e se puseram ao trabalho na Casa do Senhor dos Exércitos, seu Deus”*.

.oOo.

SEGUNDA REVELAÇÃO

CAPÍTULO 2.1-9

O livro de Ageu contém quatro revelações. Esta é a continuação do despertar produzido pela primeira. Deus anima Suas testemunhas em tempos de ruína com a comunicação dos recursos que lhes faltavam e com a esperança gloriosa com a qual Ele quer encher nosso coração.

Estes versículos apresentam uma semelhança com a Segunda Carta a Timóteo. Como o remanescente de Israel, Timóteo tinha estado a ponto de perder o ânimo e deixar-se

intimidar pelo mal que crescia ao seu redor. O apóstolo o exorta a *“avivar o dom da graça de Deus”* que estava nele.

Era necessário que suas mãos não estivessem paralisadas para a edificação da Casa de Deus, qualquer que fosse o aspecto desta última. *“Deus”,* acrescenta o apóstolo, *“não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação”* (2 Timóteo 1.7). E mais adiante acrescenta: *“Tu, pois, filho meu, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus”* (2 Timóteo 2.1). Em Ageu aconteceu o mesmo: *“Sê forte, Zorobabel, diz o Senhor, e sê forte, Josué, filho de Jozadaque, o sumo sacerdote, diz o Senhor, e trabalhai... não temais”* (2.4-5).

Para animar Seu povo, Deus não atenua o fato da ruína, nem aqui e nem na Segunda Carta a Timóteo. Ele a faz constar, pelo contrário, em toda a sua amplitude: *“Quem dentre vós, que tenha sobrevivido, contemplou esta Casa na sua primeira glória? E como a vedes agora? Não é ela como nada aos vossos olhos?”* (2.3).

Realmente, que podiam pensar entre o estado atual desta Casa, comparado com seu primeiro estado? O que ficava para este remanescente? Onde estavam a arca com as tábuas da Lei, e o propiciatório, e o trono de Deus entre os querubins? Onde estavam o Urim e o Tumim para consultar ao Senhor? O que tinha acontecido com o reinado que unia o povo com Deus?

Zorobabel, filho de Davi, não podia nem sequer carregar o título de rei. O que tinha sucedido com o sacerdócio? Josué tinha vestiduras vis em lugar das vestiduras de glória e honra (Zacarias 3.3).

Onde buscar a presença de Deus entre o Seu povo? Onde encontrar glória? O nome de Icabod (privado de glória – 1 Samuel 4.21) tinha sido pronunciado novamente. Que contraste tão humilhante entre o estado atual desta Casa e sua primeira glória, mas também que contraste entre o estado atual da Igreja e seu aspecto no momento de sua instituição!

E então, devemos perder o ânimo? Ao contrário, *“trabalhai, diz o Senhor”*. Aos que têm considerado Seus caminhos sob Sua disciplina, que têm sido despertados por Seu chamado, Ele repetirá estas consoladoras palavras: *“Eu sou convosco, diz o Senhor dos Exércitos”* (2.4).

Não veio o Senhor a participar do batismo de João Batista com o remanescente despertado pela palavra do profeta? Não o fez no tempo de Ageu? E não o fará em nossos dias? Ele se associa nem que seja a dois ou três que Sua Palavra tenha despertado. Se nos falta a força, Ele a tem guardado integralmente. Não tem Ele os sete espíritos de Deus e as sete estrelas (Apocalipse 1.4, 16, 20)?

“Vai nesta tua força” (Juízes 6.14), disse o Senhor a Gideão num tempo de ruína, da mesma maneira que num tempo de prosperidade dizia a Josué *“esforça-te”* (Josué 1.6-7, 9).

Sim, temos esta força nEle para o trabalho de Sua Casa, para introduzir na mesma aos que vêm formar parte desta segundo Deus. E quantos cristãos ignoram completamente isso! Sentem a necessidade de edificar a Assembleia sobre Cristo, único fundamento divino (1 Coríntios 3.11) ou de adquirir prosélitos para suas seitas?

E, quando se lhes faz esta observação escapam de sua responsabilidade justificando que a única responsabilidade dos cristãos é a sua evangelização. Não querem ouvir falar de outra coisa! Certamente, a evangelização é uma grande tarefa, mas não é a única do servo de Deus.

Perguntem ao apóstolo Paulo, este grande ministro do Evangelho, se considerava este ministério superior ao da Assembleia, se ambos não tinham a mesma importância para ele (Colossenses 1.23-25). Certamente a evangelização não se compila nem para o Senhor e nem para Suas testemunhas. Ele amou a Igreja e deu-Se a Si mesmo por ela (Efésios 5.25). Como podia ser-lhe indiferente?

Deus é honrado pelo trabalho, por mais fraco que seja, que edifica Sua Casa, Sua Igreja aqui e aquele que não

considera isto está depreciando a glória de Deus e de privar-se das bênçãos que acabamos de mencionar.

A aprovação da parte de Deus traz ao remanescente obediente novas bênçãos. São as mesmas bênçãos que encontramos também mencionadas em 2 Timóteo. *“Segundo a palavra da aliança que fiz convosco, quando saístes do Egito, o Meu Espírito habita no meio de vós; não temais”* (2.5).

O conhecimento da Palavra, a realização da presença do Espírito Santo, não podem estar onde a Sua Casa é depreciada ou onde se deixou de trabalhar nela.

Deus não Se contenta em dar apenas Suas bênçãos ao pobre remanescente despertado por Sua Palavra. Ele lhe apresenta uma esperança gloriosa e próxima, como hoje também. A esperança atual da vinda do Senhor tem tomado vida entre os que reconhecem a Assembleia de Cristo.

“Pois assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda uma vez, dentro de pouco, farei abalar o céu, a terra, o mar e a terra seca; farei abalar todas as nações, e as coisas preciosas de todas as nações virão, e enchei de glória essa Casa, diz o Senhor dos Exércitos. Minha é a prata, Meu é o ouro, diz o Senhor dos Exércitos. A glória desta última Casa será maior do que a da primeira, diz o Senhor dos Exércitos; e, neste lugar, darei a paz, diz o Senhor dos Exércitos” (2.6-9).

A esperança terrestre judaica para nós, cristãos, é substituída pela esperança celeste. Quando Ele vier, encherá de glória esta Casa, para a construção da qual Ele nos tem convidado; Casa que, por nossa culpa, hoje é desprezada, embora Ele esteja com os Seus e isto deve ser suficiente para nós.

Mas, quando em glória Ele habitar com a Igreja, o preço que Ele tem pago pela sua Casa resplandecerá a todos os olhos. *“Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens”* (Apocalipse 21.3). A última glória desta Casa será certamente maior que a da primeira! Então teremos dito adeus para sempre ao trabalho e à luta, pois neste lugar o Senhor dará a paz.

Que segurança trazem todas estas promessas à nossa fé!
Que recompensa à fidelidade Deus coloca perante nós!
Meditemos, pois, em nossos caminhos, em nosso passado,
perguntemo-nos de onde vem a paralisação de nosso
trabalho. Cessemos de preferir os nossos interesses em lugar
dos da Casa do Senhor; despertemos deste sono que nos
paralisa.

Encontraremos Deus conosco, com Seu Espírito e com
Sua Palavra e seremos animados com a vinda do Senhor que
nos promete uma glória sem nuvens com Ele.

.oOo.

TERCEIRA REVELAÇÃO

CAPÍTULO 2.10-19

A revelação do capítulo 1, destinada a alcançar a
consciência do remanescente, não é a única. Esta passagem
contem outra. Como já temos dito, o livro de Ageu contem
quatro revelações. A primeira e a terceira são repreensões; a
segunda e a quarta são exortações proféticas.

Deus permita que nós, como o remanescente, tenhamos
escutado a primeira!

Chegaria o tempo em que este remanescente degenerado
crucificaria o Desejado de todas as nações, seu próprio
Messias, remanescente que tinha sido levado a Jerusalém
expressamente para recebê-lo.

Também foi tirada de seu lugar a lâmpada de Israel e o
povo transportado ao outro lado, a Babilônia. É o que
acontece com todo testemunho quando torna-se infiel.

Deus não precisa de nós para Seu testemunho. Se o
desprezamos, Deus o põe em outras mãos. Acaso não tem
dito sobre Israel: “*dará Sua vinha a outros*”?

A primeira revelação fala de egoísmo; a terceira, de
santidade.

Nós possuímos uma santidade inalterável perante Deus em Cristo, assim como temos uma justiça intangível, sendo feitos justiça de Deus nEle. Somos chamados a pôr em prática esta justiça e esta santidade de posição, enquanto estamos aqui. Separação real de todo mal e comunhão viva com o bem, com Deus, o Pai e o Filho. Assim é a santidade prática.

Esta era a santidade que tinha faltado ao remanescente; alguns anos depois, esta lhes faltou de uma maneira extremamente lamentável. Se contaminaram tomando por mulheres as filhas dos cananeus (Esdras 9), violando o sábado e profanando o sacerdócio (Neemias 13).

A este respeito, o profeta interroga aos sacerdotes, dizendo-lhes: *“Se alguém leva carne santa na orla de sua veste, e ela vier a tocar no pão, ou no cozinhado, ou no vinho, ou no azeite, ou em qualquer outro mantimento, ficará isto santificado? Responderam os sacerdotes: Não”* (2.12).

O caso que Ageu lhes propõe é o de um homem que leva carne santificada na falda de sua roupa, o que lhe dá um caráter de santidade exterior. Acaso o fruto do seu trabalho (pão, azeite, vinho, produtos das atividades do homem) será santificado? De maneira nenhuma. É necessário que o trabalho seja o fruto da santidade para ser agradável.

Deus só reconhece como feito para Ele tudo o que emana desta fonte. Nenhuma posição de santidade exterior, nenhuma aparência faz nosso trabalho agradável a Deus.

Este é um pensamento sério e digno de ser considerado em nossos dias, em que os cristãos professantes vivem na ilusão de que Deus reconhece suas “obras de caridade”, como sendo feitas para Ele.

E o profeta acrescenta: *“Se alguém que se tinha tornado impuro pelo contato com um corpo morto tocar nalguma destas coisas, ficara ela imunda? Responderam os sacerdotes: Ficarão imunda”* (2.13).

Um corpo morto era, em Israel, a figura mais completa da terrível consequência do pecado. Se a separação do mal, do

pecado, não é uma realidade para nós, como poderá ser pura e agradável a Deus a obra de nossas mãos?

O que se tratava de gravar na consciência do remanescente era que sua obra era impura, o que também é necessário deixar claro em nossa consciência. Pode haver muita atividade para moer o grão, para espremer o suco da uva e o azeite das olivas para fazê-los servir para nosso proveito.

Mas o que significa isto para Deus? O fruto do pecado. O que permanece é o que é oferecido de puro coração, o que é só para Ele. É o perfume de Maria (João 12.1-8). Encher nossas despensas não deve ser a obra de um crente, mas sim encher os graneleiros e as despensas de Deus.

“Então prosseguiu Ageu: Assim é este povo, e assim esta nação perante Mim, diz o Senhor; assim é toda a obra das suas mãos, e o que ali oferecem: tudo é imundo” (2.14).

Isto é o que, em nossos dias, afeta nossa obra de uma incapacidade relativa, como se diz *“antes daquele tempo, alguém vinha a um monte de vinte medidas, e havia somente dez; vinha ao lagar para tirar cinquenta e havia somente vinte” (2.16).*

Dissemos “relativa” porque, se Deus está obrigado a castigar-nos, Ele o faz com a medida certa e adequada. Ele é paciente, misericordioso, cheio de uma bondade infinita. Qual a consequência hoje do trabalho de nossas mãos? Pela profecia, temos aprendido o que deveríamos conseguir: materiais para a Casa de Deus, almas não somente salvas, mas acrescentadas à Assembleia. Acontece isto? Infelizmente não!

Os filhos de Deus reúnem-se afadigados. A luz é tão fraca que não têm o poder de atrair os que estão nas trevas e, se estes as aborrecessem, seriam como mariposas de noite, obrigados a vir queimar suas asas e receber sua própria condenação.

Mas esta luz apenas consegue penetrar com um vago resplendor através das cerradas pálpebras da alma, para despertá-la!

E o castigo foi mais longe. *“Eu vos feri com queimaduras, e com ferrugem, e com saraiva, em toda a obra de vossas mãos; e não houve, entre vós, quem voltasse para Mim, diz o Senhor!”* (2.17).

Deus tinha condenado os recursos do seu trabalho. A porta da bênção estava fechada. Arrependeu-se o remanescente? *“E não houve, entre vós, quem voltasse para Mim, diz o Senhor”*.

Se nestes dias, ao considerarmos e julgarmos nossos caminhos, nosso passado, vos puserdes à obra para construir esta Casa que vosso egoísmo e vosso mundanismo vos têm feito abandonar, depois de colocardes os alicerces, *“desde este dia, vos abençoarei”* (2.19).

Irmãos, escutemos esse chamado e poderemos voltar à encontrar as bênçãos. Um pouco de energia da fé, de abandono de nossas comodidades e de nossos interesses, de separação do mundo, com os corações apegados a Cristo, cheios de zelo pela edificação da Casa de Deus e logo encontraremos as bênçãos perdidas.

.oOo.

QUARTA REVELAÇÃO

CAPÍTULO 2.20-23

Eis aqui, numa quarta revelação, o estímulo dirigido ao pobre remanescente cuja consciência despertou e que, de fato, quatro anos mais tarde, terminou a edificação da Casa de Deus.

Este estímulo é uma promessa (Hebreus 12.26): *“Farei abalar os céus e a terra; derribarei o trono dos reinos e destruirei a força dos reinos das nações; destruirei o carro e os que andam nele; os cavalos e os seus cavaleiros cairão, um pela espada do outro”* (vs. 21-22; comparar 2.6 com Hebreus 12.26).

Tudo seria transtornado e ppr quê? Para que as coisas “não abaladas” permaneçam (Hebreus 12.27). Estas coisas

não abaladas são, no capítulo 2, a introdução do Messias em Seu templo glorioso. Mas aqui, que admiração toma conta de nós quando se trata de estabelecer e de confirmar para sempre o fraco Zorobabel!

“Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, tornar-te-ei, ó Zorobabel, filho de Salatiel, servo Meu, diz o Senhor, e te farei como um anel de selar, porque te escolhi, diz o Senhor dos Exércitos” (v. 23).

Sem dúvida, Zorobabel, o príncipe, era uma fraca figura de Cristo, mas, acima de tudo, era o representante do remanescente perante Deus, como Josué, o sacerdote, o é no capítulo 3 de Zacarias.

Todas estas coisas serão removidas a fim de estabelecer este remanescente para sempre. *“Assim que, recebendo nós um reino inabalável”* (Hebreus 12.289), é dito dos crentes, citando a profecia de Ageu. Deus já estabeleceu o Senhor à Sua destra e nós nEle e logo nos estabelecerá no trono com Ele.

“E te farei como um anel de selar”. O fraco Zorobabel, como a fraca Assembleia de Cristo, será o selo de todos os caminhos divinos. Tanto nele, quanto nela, todos os olhos verão o que Deus quis fazer e tem cumprido. *“Agora, se poderá dizer de Jacó e de Israel: Que coisas tem feito Deus!”* (Números 23.23). Neste tempo, o Senhor será *“glorificado nos Seus santos e admirado em todos os que creram”* (2 Tessalonicenses 1.10).

É a recompensa da fidelidade e abnegação a Seu serviço, mas ainda tem muito mais. É necessário que finalmente triunfe a graça de Deus, que se mostre superior a todas as nossas fraquezas e a todas as nossas infidelidades. *“Porque te escolhi, diz o Senhor dos Exércitos”* (v. 23).

É necessário que a graça da eleição resplandeça diante de todo os olhares. Ela é a única causa, a causa inicial e final da bênção eterna de Seus remidos.

Alicerçados em nossa esperança que é Cristo e sobre a segurança da salvação de Deus, apliquemo-nos, pois, num contínuo julgamento de nós mesmos, a prosseguir na obra da

Casa de Deus, reunindo as almas ao redor de Cristo, único centro de reunião e de bênção.

.oOo.